

O fenómeno da consciência enquanto literatura¹

The phenomenon of Consciousness as Literature

Luís Carlos S. Branco*

*Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro,
Aveiro, Portugal*

Resumo: Este artigo parte das postulações de António Damásio sobre o funcionamento da Consciência para responder à seguinte pergunta: é a Consciência um fenómeno narrativo e ficcional? Assim, numa perspetiva correlata à Neurofilosofia, pretendo aprofundar algumas das ideias propostas pelo neurocientista, de modo a inquirir se os processos de emergência da Consciência são, ou não, fenómenos que poderemos categorizar como eminentemente literários. Em que medida e como, é o que pretendo averiguar.

Palavras-Chave: Consciência e Literatura. António Damásio. Homeostasia Cultural. Mente Narrativa. Intertextualidade.

Abstract: This essay is based on António Damásio's theories on the functioning of Consciousness and intends to answer the following question: is Consciousness a narrative and fictional phenomenon? Thus, in a neurophilosophical perspective, I will deepen and develop some of the ideas proposed by the neuroscientist, in order to inquire whether the emergence processes of Consciousness are phenomena that we can categorize as eminently literary or not. Therefore, I will analyze to what extent and how.

Keywords: Consciousness and Literature. António Damásio. Cultural Homeostasis. Narrative Mind. Intertextuality.

FLP 24(2)

1 INTRODUÇÃO

O neurocientista António Damásio tem-se debruçado sobre o estudo da criatividade humana e da criação cultural em diversas obras, em especial *n'A estranha ordem das coisas: a vida, os sentimentos e as culturas humanas* (2017)². Nela, baseado num particular entendimento da Homeostasia, ele propõe-nos uma série de ideias arrojadas sobre a origem e desenvolvimento da Mente Cultural Humana; ou seja, da Consciência enquanto produtora de Literatura, Arte e Cultura. Eu começarei precisamente por introduzir esta temática fundacional de modo a enquadrar os tópicos

¹ Este artigo foi elaborado com apoio financeiro da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia), através da Bolsa de Doutoramento (ref. [2022.11303.BD](https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v24i2p227-243)), com financiamento participado pelo Orçamento de Estado (fundos nacionais do MCTES) e pelo Fundo Social Europeu (FSE), e do Programa Por_Centro (no âmbito do projeto UIDB/04188/2020).

* Docente, investigador e bolseiro de doutoramento em Estudos Culturais da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), no Centro de Línguas, Literaturas e Culturas do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal; lcrsb@ua.pt

² E também na mais recente, que constitui uma súmula da suprarreferida (Damásio A, Sentir & saber. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores; 2020).

seguintes. Dedicar-me-ei, depois, a analisar diversos aspetos daquilo que designo por Consciência Literária.

No meu entender, podemos depreender do modo como Damásio concebe o funcionamento da Consciência, que ela emerge e funciona através de mecanismos eminentemente narrativos. Eu pretendo averiguar se, de facto, assim é, e em que medida e como funcionará, então, literariamente a mente humana. Refletirei também sobre as possíveis interceções entre estas postulações e o campo disciplinar dos Estudos Literários.

Começo pela questão basilar homeostática.

2 A HOMEOSTASIA COMO BASE DA TEORIA CULTURAL DE ANTÓNIO DAMÁSIO

A Homeostasia é o princípio de autorregulação vital, que se configura no controle da tensão arterial e da temperatura corporal pelo organismo. Ela é imprescindível para o bem-estar e para a regulação vital do Ser Humano³. No entanto, António Damásio, no que é uma das originalidades do seu pensamento crítico, expande sobremaneira este conceito e o coloca como principal impulsionador da Consciência Humana e das suas produções artístico-culturais, transmutando-o num princípio, não meramente orgânico, mas filosófico⁴.

Assim, aquilo que ele designa por Imperativo Homeostático Sociocultural impele, por um lado, à Sobrevivência e à Persistência, mas não só. O Ser Humano tende a resistir e a lutar por durar o mais que possa, ou, por outras palavras, a tentar adiar a morte e viver, até lá, do melhor modo possível. Por outro lado – e é aqui que Damásio procede a uma extrapolação original –, além do mero bem-estar do organismo, a Humanidade está talhada para prevalecer, dominar e Florescer. E, em ambas estas vertentes da Homeostasia, quer na orgânica, quer na civilizacional, os Sentimentos são muito relevantes, pois operam como adjuntos mentais da Homeostasia. Etribando-nos nestas premissas, podemos dizer que, a partir delas, temos uma Teoria da Cultura arrojada e simbiótica, onde o fator biológico se une ao cultural, na qual o orgânico e o mental não estão separados, mas, sim, fundidos, unificados. “Os recursos intelectuais que os seres humanos têm à sua disposição e que são muito mais vastos [...] permitiram aos seres humanos reagir à experiência do sofrimento ou do prazer com a invenção de novos objetos, ações e ideias, os quais se traduziram na criação de culturas” (Damásio, 2020, p. 166).

Como assinaléi, a Homeostasia, enquanto imperativo de regulação vital, tem como colaboradores os Sentimentos. Estes, por sua vez, como concreções mentais e emocionais da Homeostasia, são catalisadores da Cultura. Foram eles que motivaram o nascimento e desenvolvimento da Literatura, da Arte, da Filosofia, das Regras

³ A Homeostasia, enquanto sistema de equilíbrio e regulação do organismo, traduz-se concretamente: na regulação da quantidade de água e minerais no corpo, que ocorre nos rins; na manutenção dos níveis de glicose no sangue, processada no fígado e no pâncreas; na eliminação de resíduos indesejáveis, que tem lugar nos órgãos excretórios, como os rins e os pulmões; no controle da temperatura corporal, através da circulação sanguínea e da pele, etc.

⁴ Embora o modo como coloca a Homeostasia, no contexto da cultura e em correlação com o fator emotivo, seja original e válido, Damásio não é o único a aventar hipóteses desta natureza. Por exemplo, John Torday tem um entendimento contíguo ao seu (Cf. Torday, 2017, p. 189-200).

Morais, da Justiça, do Sistema de Governança Política, da Tecnologia e da Ciência. E porque é que isso sucedeu? Por razões contíguas àquelas que fazem com que a Homeostasia orgânica procure, por exemplo, manter a tensão arterial a um nível satisfatório. Ou seja, por uma questão de bem-estar e equilíbrio, por uma questão de Sobrevivência, mas também de Prevalência – foi isso que, segundo Damásio, conduziu ao despontar e florescer de todas as áreas do conhecimento e criação humanos. O Ser Humano não quer apenas sobreviver: pretende Florescer (aquilo que designo por Desejo de Transcensão).

Ao longo da evolução humana, o cérebro, o neocórtex, desenvolveu-se devido à Seleção Natural e ao aperfeiçoamento genético. Por seu turno, a Mente Cultural Humana – a Consciência projetada nas suas criações – evoluiu através do que ele denomina por Seleção Cultural. Ou seja, nem todas as produções culturais têm prevalecido ao longo do tempo. Elas têm sido coletivamente selecionadas. Isto na prática traduz-se, por exemplo, nos Cânones Literários, entre tantas outras coisas. O que importa aqui ressaltar é que há uma inegável interação, através dos séculos, entre a Evolução Genética e a Evolução Cultural. Deste modo, Biologia e Cultura progrediram sempre a par e passo.

Assim, à medida que o cérebro se desenvolvia, expandia-se também a Mente Intelectual e Cultural. Quanto mais o Ser Humano aprendia e construía, mais isso o motivava a melhorar, a progredir e a criar. Podemos observar isto, na prática, no progresso que começou, por exemplo, na invenção da roda e levou, depois, à construção dos primeiros carros, ou no caminho percorrido desde os primeiros e incipientes alfabetos até à moderna criação literária, incluindo o mais recente desenvolvimento, a Literatura Digital.

Como se depreende, o neurocientista não separa a Biologia, ou as motivações de ordem e origem biológica, das manifestações culturais humanas. Neste caso, para a feitura dos Códigos de Conduta Humanos (o Decálogo, o Código de Hamurabi e a Carta das Nações Unidas, entre outros) contribuíram, sem dúvida, as próprias circunstâncias históricas de um determinado momento, mas também existiu um inegável impulso neurobiológico homeostático, que se consubstanciou no desejo coletivo de sobreviver, cooperar e prevalecer do melhor modo possível. Damásio sintetiza, deste modo, estas ideias:

Os fenómenos biológicos podem desencadear e moldar acontecimentos que se tornam fenómenos culturais [...] através da interação dos sentimentos e do raciocínio [...] A intervenção dos sentimentos não se limitou a um motivo inicial. Eles continuam com o papel de monitor do processo e continuaram a intervir no futuro de muitas invenções culturais, segundo as exigências da eterna negociação entre afeto e razão. (Damásio, 2007, p. 47).

3 EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS DA EXISTÊNCIA DO CÉREBRO NARRATIVO

Em relação à provável existência de um Cérebro Literário, gostaria de começar por dar conta de uma seminal experiência, que nos fornece dados preciosos sobre essa questão. Vejamos quais.

O *Default Mode Network* consiste num importante conjunto de estruturas cerebrais, que António Damásio e a equipa de cientistas que trabalha com ele, no Brain

FLP 24(2)

and Criativity Institute, da University of Southern California, conseguiram identificar, que formam aquilo a que chamo uma Arquitetura Neuronal Narrativa:

the accuracies of the within - and between language predictions were comparable, which indicates that these predictions exploited systematic encodings of story-level elements that transcended the idiosyncratic lexical and syntactic features of individual languages. Overall, our research is an attempt to demonstrate that abstracted beyond the level of independent concepts and language units, the brain seems to systematically encode high-level narrative elements. Further, despite the remarkable variety of human language, the combination of a shared cognitive architecture and overlapping sociocultural experiences produces a remarkable cross-language consistency not only in the words and concepts that we use, but also in the narratives that we construct. Our results indicate that this similarity is echoed in the neurosemantic representation of narrative-level information. (Damásio et al, 2017, p. 9).

Este grupo de investigadores produziu experiências narrando histórias ficcionais a vários sujeitos, que falavam línguas diferentes. Através de métodos observacionais imagiológicos do córtex, percebeu-se haver estruturas universais, presentes em todos eles, correlatas aos relatos narrativos, no cérebro humano, que respondiam a essas narrações de modo similar, independentemente da língua em que eram contadas. O *Default Mode Network* é a mais importante dessas redes, implicada na narratividade intrínseca – sabemo-lo agora – ao cérebro humano.

FLP 24(2)

Nesse estudo, destacou-se também o facto de essas estruturas narrativas neuronais estarem situadas em zonas cerebrais mais nobres do que as relacionadas, por exemplo, com a Semântica. A esse propósito, o artigo coletivo diz-nos que: “These results demonstrate that neuro-semantic encoding of narratives happens at levels higher than individual semantic units and that this encoding is systematic across both individuals and languages” (Damásio et al, 2017, p. 1)⁵.

Esta descoberta, da equipa liderada por Damásio, é de uma extraordinária importância, pois, consubstancia o que uma série de pensadores já vinham, de diversos modos, a postular há muito tempo, entre eles, Walter Fisher⁶. Ou seja, a importância do *storytelling* na evolução humana e de como o Sistema Nervoso e o cérebro humano são, por natureza, narrativos. Temos, portanto, de facto, estruturas cerebrais narrativas, comuns a todos os seres humanos, independentemente da língua que falam. Isto comprova o importante papel das narrações na evolução humana.

Mas vejamos, em seguida, os mecanismos que enformam o Cérebro Literário, que, de ora em diante, designarei por Consciência, por ser este, segundo os dados atuais

⁵ Para mais detalhes, remeto para o artigo em questão (Cf. Damásio A; Kaplan J; Man K.. Decoding the neural representation of story meanings across languages. Human Brain Mapping. 2017sep.:1-11).

⁶ Walter Fisher introduziu a noção do Paradigma Narrativo, na qual preconiza que o Ser Humano pensa e comunica, essencialmente através de história e narrações. (Cf. Fisher WR. Human communication as narration: toward a philosophy of reason, value, and action. Columbia: University of South Caroline Press; 1987). Mas há outros autores com advocações similares que, de algum modo, anteciparam também a existência do *Default Mode Network*. Entre eles, Patrick Colm Hogan, David Herman e Nancy Easterling. (Cf. Hogan, 2003, 2003a; Herman, 2003, 2013; Easterlin, 2013).

das neurociências, um termo mais apropriado e comumente aceite na comunidade científica⁷.

4 O SISTEMA NERVOSO ENQUANTO FACILITADOR DAS NARRATIVAS INTERNAS

Na verdade, tudo começou com o surgir do Sistema Nervoso, pois, foi ele que alavancou o início da Mente Cultural⁸, sobretudo, por aquilo que Damásio considera uma grande conquista, um verdadeiro salto quântico na linha evolutiva humana: a capacidade dos organismos autogerarem imagens. Estas, coordenadas entre si, formaram mapas e úteis e complexas cartografias internas, que, por sua vez, possibilitaram, depois, a autonarratividade. “A dada altura, [...] teve início a capacidade de mapear os objetos e acontecimentos que eram sentidos”, diz-nos o neurocientista (Damásio, 2017, p. 111). Sem este passo verdadeiramente transformador na nossa História coletiva não haveria Consciência, pois, uma das suas características centrais reside na sua capacidade de representação. Em suma, sem imagens não pode haver mente.

Convém, desde já, circunscrever conceptualmente o que se entende, neste contexto, por Imagens. Opostamente ao que a palavra parece sugerir, as Imagens, aqui, não se reportam somente a representações de ordem visual. Se fosse esse o caso, um cego não teria mente pois não seria capaz de criar imagens visuais do mundo externo e interno, o que é sobejamente falso. Assim, as Imagens às quais aqui nos reportamos podem ser de vários tipos: sonoras, odoras, linguísticas, tácteis, vestibulares, propriocetivas, e, claro, visuais⁹.

O Sistema Nervoso facilitou que, para lá do mero sentir e reagir, da mera senciência, pudéssemos, através das células nervosas e inerentes redes neuronais, mapear o que sucedia à nossa volta e no nosso interior – aqui reside o despontar da Mente Cultural. Sem esta Narratividade Interna, sem estas representações em nós do mundo exterior e interior não haveria Consciência, dado que ela se funda precisamente nesse feixe de imagens, nessa miríade de mapas sonoros, odoríferos, tácteis e visuais que interagem continuamente entre si. Deste modo, temos *literalmente* as Imagens do mundo (interno e externo) dentro de nós. O seguinte resumo do neurocientista sobre a capacidade de produzir Imagens, interligadas e sequenciadas narrativamente, pelos

⁷ Hoje a posição mais comum, entre a comunidade neurocientífica, é a de aceitar a correlação entre cérebro e Consciência, mas faz-se a distinção entre os dois. Embora estejam relacionados, a Consciência é uma entidade e o Cérebro outra. Este último é de natureza material, mas, no entender da maioria dos neurocientistas e neurofilósofos, a Consciência é de natureza subjetiva, não palpável.

⁸ Embora sejam conceitos similares, mas não completamente coincidentes, utilizo, aqui, Mente Cultural, no sentido de Consciência Cultural. Ou seja, a Consciência enquanto se projeta, criando artefactos e produções culturais.

⁹ O Sentido Vestibular é o responsável pela manutenção do nosso equilíbrio e é proveniente de órgãos situados no ouvido interno. Fornece-nos informações preciosas sobre o balanço do corpo e a noção de gravidade. Ajuda-nos, por isso, a locomovermo-nos equilibrados. Por sua vez, o Sentido Propriocetivo está, de algum modo, ligado ao Sentido Vestibular. Ele permite-nos perceber a localização e a posição e orientação do nosso corpo em relação ao espaço. Através de ele, temos a noção da força exercida pelos nossos músculos e dos movimentos das articulações, sem necessitarmos de utilizar a visão. Ele é o resultado da interação das fibras musculares, que trabalham para manter o corpo na sua base de sustentação, de informações táteis, e do Sistema Vestibular, localizado no ouvido interno.

organismos vivos dotados de Sistema Nervoso, enquanto pedra de toque da Mente Cultural é, a esse propósito, bastante elucidativo:

As representações produzidas por esta trama de atividades nervosas, os mapas, são afinal o conteúdo daquilo que experienciamos como imagens nas nossas mentes. Os mapas de cada modalidade sensorial são a base da integração que torna possível as imagens, e estas à medida que fluem no tempo, *são* os componentes das mentes. Na história da existência dos organismos vivos complexos, a presença de imagens constitui um passo transformador [...] As culturas humanas não teriam surgido sem esse passo transformador, sem esta transição espetacular. (Damásio, 2017, p. 112).

Em adenda, podemos acrescentar que ele considera que alguns animais, como as aves e os mamíferos, por possuíram sistemas nervosos de alguma complexidade são, por isso mesmo, dotados de mentes, ainda que pouco desenvolvidas¹⁰.

5 O PAPEL DAS VÍSCERAS NA NARRATIVIDADE DA CONSCIÊNCIA

Vejamos, agora, como, ancorando-se no Sistema Nervoso, se processam as narrativas internas que, em última instância, conduzem à concreção da Mente Cultural.

Em pano de fundo, existe o que Damásio denomina por Circunjacente do Sistema Nervoso: ou seja, tudo o que rodeia o Sistema Nervoso, no âmago do corpo, e que ele, através das impressões nervosas recebidas, mapeia. Por sua vez, o Circunjacente é constituído por dois componentes. O primeiro consiste no mundo fora do organismo: o exterior a nós com o qual nos relacionamos, cartografado através dos sentidos, regidos, evidentemente pelo Sistema Nervoso. E o segundo é o mundo dentro do organismo, o nosso interior corporal; perceptível nas sensações que vamos tendo recebidas do nosso interior visceral. Eu designo o primeiro por Circunjacente Externo e o segundo por Introjacente (ou Circunjacente Interno). Esta interação ocorre assim:

O sistema nervoso existe no interior do corpo e o sistema nervoso e corpo interagem diretamente sem necessidade de intermediários. Por outro lado, sistema nervoso e exterior constituem universos separados e carecem de intermediários. Os sistemas sensoriais, tais como a visão e a audição, recorrem ao mapeamento neural para estabelecer a necessária ligação. (Damásio, 2020, p. 133).

¹⁰ Muito se poderia acrescentar sobre esta questão, que constitui atualmente um campo de conhecimento em franca expansão, com notabilíssimos avanços. Talvez não seja descabido afirmar que, em relação à questão da Consciência em animais, assistimos, de há uns anos a esta parte, a uma mudança de paradigma. Hoje sabe-se que o tamanho do cérebro é enganador em relação ao grau de desenvolvimento cognitivo e não é, portanto, um critério fiável. A antiga distinção entre animais racionais e irracionais está completamente desajustada dos dados científicos fornecidos pelos mais recentes estudos. Por exemplo, Jennifer Ackerman tem-se dedicado ao estudo das aves com resultados espantosos. Os papagaios e os corvos demonstram uma grande inteligência. Por seu turno, Stephan Linquist e Peter Godfrey-Smith mostram-nos o alto grau de Consciência dos polvos e dos chocos. Mas há muitos mais autores a dedicarem-se a tópicos similares, entre eles, Sy Montgomery e Frans de Wall. Esta questão, portanto, está em reavaliação (Cf. Ackerman, 2017; Godfrey-Smith, 2017; Sheldrake, 2011).

Por conseguinte, este quadro circunjacential facultou a importante existência de representações internas do mundo exterior e também do mundo interior, nos organismos vivos, pois é através dele que nos chegam as respectivas imagens e correlatas narrativas desses mundos:

Com o decorrer da evolução neurobiológica, aduziu-se a esta rede interligada de imagens internas um elemento deveras importante: a narração. Era agora possível associar imagens de forma a que elas narrassem ao organismo acontecimentos que lhe eram *tanto* internos *como* externos. (Damásio, 2017, p. 114).

Esta narração, ou se quisermos, este elemento autonarrativo, ocorre do seguinte modo. A partir das imagens fornecidas pelo Circunjacente Interno, mais especificamente, pelas vísceras e pela circulação sanguínea que configuram os processos de química metabólica mais antigos, emergiram os Sentimentos.¹¹ Em contiguidade, com base nas imagens internas da estrutura esquelética e dos músculos, foi possível uma autorrepresentação literal do corpo e do seu lugar no mundo; aquilo a que Damásio chama “a representação envolvente de cada vida” (Damásio, 2017, p. 114). Dito de outro modo, nós passámos a narrar a nós mesmos o que sucedia no interior do nosso organismo e o que sucedia no seu exterior e que ele capta.

Estas duas novidades, o surgimento dos Sentimentos e a autorrepresentação interna e externa alavancaram a emergência do nível mais alto do Ser: a Consciência, cuja natureza, no meu entender, e como tenho vindo a tentar demonstrar, é eminentemente narrativa. Analisemos melhor estes aspetos, no ponto seguinte.

FLP 24(2)

6 A CONSCIÊNCIA ENQUANTO NARRAÇÃO

Podemos, agora, fazer a seguinte pergunta: afinal, o que é que faz a mente com essas Imagens, que o Circunjacente Externo e o Introjacente, em interação e colaboração com o Sistema Nervoso, e usando os respetivos Dispositivos Sensoriais, lhe fornecem? A resposta é simples e de consequências vastas: a mente usa essas Imagens para (nos) contar histórias. Nós narramos o que se passa no interior do nosso corpo e no exterior dele. Vejamos, então, como funciona este processo.

Antes de mais, diga-se que a natureza do nosso pensamento é arreigadamente literária, pois é constituída por um constante e permanente fluxo narrativo. A nossa Consciência é como um velho contador de histórias que, até ao nosso último momento, narra, quase, *ad infinitum*. O modo como esse precioso Livro Mental emerge é delicado e minudente. Para além das Imagens e dos respetivos Sentimentos associados a elas, entram nele outros dois elementos sem os quais não é possível a criação de quaisquer narrativas sólidas e consistentes: a Memória e as Palavras. Sobre a importância destas últimas, o neurocientista faz a seguinte apreciação: “A incessante tradução em linguagem de toda e qualquer imagem que nos cruze a mente será, porventura, o modo mais espetacular de enriquecimento da mente” (Damásio, 2017, p. 135). Ou seja, as imagens e os sentimentos são traduzidos em linguagem e, para que

¹¹ Para o neurocientista, a definição de Sentimentos está estreitamente ligada ao corpo, e às decorrentes sensações de bem estar e mal estar, e é a seguinte: “Sentimentos: são as experiências mentais que acompanham os vários estados da homeostasia do organismo, quer sejam primários (sentimentos homeostáticos como a fome e a sede) ou provocados pelas emoções (sentimentos emocionais como o medo, a raiva ou a alegria)” (Damásio, 2020, p. 114).

tal faça completo sentido e não se perca no tempo, é necessário também o seu registro no suporte arquivístico da memória.

Portanto, a Consciência coordena e liga narrativamente todas essas Imagens entre si, ligando diversos elementos, provenientes de várias partes, formando, deste modo, uma Cadeia de Pensamentos, que mais não é do que uma Narrativa Integrada. Em termos neurofisiológicos, os córtices associativos (responsáveis pela atenção e consciência perceptual e pelo reconhecimento e identificação dos estímulos) desempenham aqui um papel importante de interligação, em especial o já referido e precioso *Default Mode Network*.

Assim, tal como um escritor, a mente corta e acrescenta, reescreve, edita e manipula as Imagens e as respectivas narrativas. Há uma incessante tradução dessas Imagens em Linguagem. Além disso, a mente, forma Novas Imagens, com base nas que lhe são fornecidas, e as estruturas num Elo Sequencial. Repare-se que “no início, as imagens originais são importantes por si próprias e como alicerce da vida mental. Contudo, a sua manipulação pode levar a derivas novas” (Damásio, 2017, p. 135). Essas autonarrativas primordiais, que nos informam acerca do estado do nosso interior e do exterior com o qual ele se debate e interage, levam, depois, à criação de outras. Por isso, a memória é absolutamente fundamental. Sem memória não há Literatura na Consciência¹².

FLP 24(2)

7 A IMPORTÂNCIA DA REMEMORAÇÃO

É também com base nas Imagens e na sua narração, na sua subsequente tradução em palavras, que se constrói igualmente a Memória. Vejamos de que modo ocorre essa relação simbiótica entre Imagens, Palavras e Memória.

Quando o Sistema Nervoso coordena as Imagens, fornecidas pelo Circunjacente Externo e pelo Introjacente, isto gera um determinado Código Neuronal. A grande particularidade é que esse código pode ser reativado em qualquer altura; pode ser *played back*. Assim, as imagens narrativas internas, de diversa ordem e tipologia, podem, por isso, ser percecionadas de novo, e isso é da maior importância. É o que sucede, por exemplo, quando recordamos um determinado evento. A constituição da memória consubstancia-se, assim, nessa capacidade de reativação das Imagens e Narrativas Internas, através dos respetivos códigos neuronais iniciais.

Em termos neurofisiológicos, o Hipocampo assume uma importância matricial nestes mecanismos de rememoração¹³. Ele permite a Integração de Imagens no todo da mente. Assim, a sua perda implica que, por exemplo, continuemos a reconhecer

¹² E sem memória, há ou não Consciência? Esta é uma pergunta difícil de responder. Sabemos, por exemplo, que a noção de Eu se parece esbater nos doentes com Alzheimer e que isso está relacionado com a perda da memória. Na minha opinião, sem memória não há Consciência, ou pelo menos, ela não é plena. Poder-se-ia contrapor que, dado não terem memórias, os recém-nascidos não têm Consciência. Ora, para além de que é possível que tenham memórias intrauterinas, possuem, porventura, consciências em formação, em pleno processo de emergência. Mas tudo isto são questões complexas ainda em aberto, para as quais há uma multitude de pontos de vista.

¹³ Hipocampo é uma estrutura localizada nos lobos temporais do cérebro humano. Está ligado à memória e faz parte do sistema límbico. Ele ajuda a converter a memória de curto prazo em memória de longo prazo. O seu nome tem a ver com o facto do seu formato se assemelhar ao de um cavalo-marinho (*hippos* e *Kampos*, em grego, querem dizer cavalo-marinho).

uma casa, mas a deixamos de reconhecer como a nossa casa. Damásio diz-nos “O hipocampo é essencial para a produção do mais elevado nível de integração de imagens codificadas. [...] também permite a conversão de codificações temporárias em codificações permanentes” (Damásio, 2017, p. 138).

O Hipocampo é, assim, um selecionador e um editor de imagens, daí que ele seja a parte mais afetada na Doença de Alzheimer. É nele também que ocorre a Neurogênese, a importante produção de neurónios novos e a criação de novas memórias. Damásio descreve o processo de fixação da memória assim¹⁴:

As imagens que correspondem a uma narrativa verbal e as imagens que correspondem a um conjunto de movimentos relacionados ocorrem frequentemente a par na experiência em tempo real, e embora as respetivas memórias sejam criadas e armazenadas em sistemas diferentes, elas podem ser recordadas de forma integrada. Cantar uma canção com a respetiva letra exige a integração sincronizada de vários fragmentos de recordação: a melodia que orienta a canção, a memória das palavras, as memórias ligadas à execução motora. (Damásio, 2017, p. 139).

8 REMIX NARRATIVO INTERNO

Por sua vez, essas imagens, e respetivos sentimentos, não ficam registadas indiscriminadamente: tem de haver um ordenador, um seletor. Quem desempenha esse papel? O principal ator nesse processo é o Raciocínio. Ele está intimamente conectado com a memória. De que modo? Ele interage e coordena as Imagens e Narrativas Presentes, que se reportam ao que está a acontecer no agora, e as Imagens e Narrativas Recordadas. E, interagindo com ambas, com o que está a acontecer e com o que já aconteceu, a Razão antecipa, ou tenta antecipar, o futuro. Como? Imaginando-o, criando histórias para esse futuro. Neste processo interno de antevisão, emerge a Imaginação. Nós temos essa capacidade de imaginar o futuro. Com base em Imagens e Narrativas Recordadas e Presentes (e também nos nossos desejos e expectativas), criamos as Narrativas do Porvir, do que ainda não sucedeu.

Este processo tem sido absolutamente essencial para a evolução da civilização e cultura humanas. Sem a memória circular do Sol não se teria descoberto a roda, e sem a recordação desta não se teria inventado o carro. “A recordação de imagens passadas é essencial para o processo de imaginação [...] As imagens recordadas são ainda essenciais para a construção de narrativas [...] A recordação afina o significado dos fatos e ideias associados aos diversos objetos e acontecimentos”, diz-nos significativamente o neurocientista (Damásio, 2017, p. 140).

Como tenho vindo a assinalar, estamos incessantemente a contar histórias a nós mesmos. Mas um mesmo facto narrativo da nossa vida tem, obviamente, diferentes interpretações consoante a ordem de introdução dos objetos e acontecimentos e a natureza e magnitude da sua descrição; e aqui a nossa consciência funciona como uma espécie de editor literário, como uma lente de aumentar ou diminuir, ou mesmo apagar. Aproxima-nos de determinados factos recordados e distancia-nos de outros. É por isso que, com a passagem do tempo, (re)vemos os mesmos acontecimentos de prismas, por vezes, antitéticos. Somos, portanto, nós que

¹⁴ Acrescente-se o dado seguinte. O stresse influencia substancialmente a Neurogênese (a criação de novos neurónios no cérebro) e a formação da memória.

vamos escolhendo o que relevar e o que ocultar e esbater no arquivo imagético-narrativo da nossa memória.

Deste modo, a Consciência funciona como um motor de busca, um *search engine*, que acede a memórias passadas, a pensamentos passados e imagens e narrativas antigas, e constrói, a partir delas, imagens e memórias novas, que a mente também regista e arquiva. Há, portanto, um constante *remix* de narrativas. Similarmente, o Processo Criativo em ato contínuo:

Esse processo imaginativo, o qual, por si só, é uma mistura complexa de pensamentos atuais e de pensamento antigos, de novas imagens e de imagens antigas, está constantemente a ser memorizado. O processo criativo está a ser registado para um uso futuro possível e prático. (Damásio, 2017, p. 141).

Sendo assim, é lícito que deduzamos o seguinte. Primeiro, todas as mentes são criativas, pois criam continuamente Autonarrativas. Segundo, a Criatividade está intrinsecamente ligada à Homeostasia, pois ela busca sempre o porvir, busca sempre uma Presença Virtual no Futuro.

Note-se que o próprio ato criativo, seja ele pintar um quadro ou realizar um filme, vive da conjugação, do saudável equilíbrio, do *remix*, da mistura, a vários níveis, do passado e do futuro; ou mais concretamente, das narrativas recordadas e das narrativas projetadas adiante no tempo. Repare-se como tudo isto se coordena e funciona:

Uma Memória de Imagens é absolutamente indispensável para que exista criatividade. [...] Quando falamos de memória em relação à Arte e à Criatividade tem muito a ver com a capacidade de representar memórias. E aquilo que, de facto, distingue a memória humana é o ser capaz de criar uma memória, que pode ser recuperada, que pode ser “recalled” numa forma imagética – seja numa forma imagética sonora ou numa forma imagética visual. Grande parte do nosso mundo atual é dominado por memórias ou visuais ou auditivas. [...] É a possibilidade de recuperar Imagens e a possibilidade de manipular Imagens que são a fonte principal da execução criativa. E, aqui, metáforas do cinema ajudam muito porque, tanto no que diz respeito ao som, como no que diz respeito à arte visual, o que acontece é que as imagens podem ser cortadas aos bocados. Quando nós falamos de montagem é exatamente isso. É a possibilidade de agarrar numa imagem e de levar a imagem mais para a frente ou mais para trás, no caso numa imagem visual, e cortá-la aos bocados, juntá-la diferentemente no tempo. E é essa verdadeiramente a base fundamental da criação artística, quer seja a criação que acontece para o escritor, ou a criação do dramaturgo, do cineasta ou do compositor (que está, no fundo, a criar imagens que ocorrem no tempo, e que são ligadas numa forma muito gentil, muito “smooth”, ou numa forma muito shop!! (gesto de cortar). Tudo está, de facto, cortado aos bocados. Criatividade, memória e imaginação são capacidades interligadas, sem as quais não é possível conceber novos modelos, conceber novas realizações, quer do ponto de vista social, quer do ponto de vista das artes clássicas, ou da invenção filosófica: todas elas estão ligadas a essa imaginação. (Damásio, 2017a)¹⁵.

FLP 24(2)

¹⁵ Transcrição minha de intervenção oral em suporte videográfico.

9 MANIPULAÇÕES MNEMÓNICO-NARRATIVAS

Em correlação com os pontos anteriores, gostaria de referir um outro fenómeno importante, que ocorre em concomitância: a recriação de Sentimentos através da memória. Ou seja, a capacidade que, ao rememorarmos um determinado evento, temos de, por um lado, alterar sensorialmente essas ocorrências passadas, tornando os pormenores descritivos mais nítidos e vivos, e, por outro lado, a capacidade de voltarmos a sentir o que sentimos no passado, reavivando-o. Note-se que, pelo seu carácter narrativo, a Rememoração é, essencialmente, um processo criativo, imaginativo. Em certa medida, podemos dizer que a memória poderá não ser fidedigna aos factos, tal como eles ocorreram, mas será, isso sim, fiel aos sentimentos que, nesses eventos passados, experienciámos e a sua recriação nos dá inequívoco sinal disso. Sempre na senda da Homeostasia, Damásio alude a um mecanismo de defesa na memória, em que, no ato de recordar, amenizamos eventos traumáticos e tornamos experiências felizes passadas em momentos verdadeiramente prodigiosos. Não é por acaso que, por vezes, se fala do Paraíso Perdido da Infância.

Mas o que quero salientar é que esse ato de Recriação dos sentimentos passados, invocando ocorrências antigas, é feito narrativamente, através de montagens, reescritas e edições internas. Assim, a memória vive de ajustes literários internos. Os mecanismos utilizados na escrita de um livro são, como se vê, similares aos que entram em ação na Rememoração.

O modo como construímos *narrativamente* a memória, em certa mediada, condiciona a forma de como iremos sobreviver ao futuro. Recorrendo aos exemplos extremos dos suicídios de Primo Levi e de Paul Celan, podemos dizer, ainda que exagerando, que lhes foi, pelo menos em certo sentido, mais penoso atravessar a autonarração rememorativa da sua passagem pelos hediondos campos de concentração do que a própria estadia lá. Ambos sobreviveram estoicamente ao Holocausto, mas não resistiram à recriação interna dos Sentimentos e acontecimentos lá passados. Um exemplo oposto; a obra de Viktor Frankl, que também foi prisioneiro dos Nazis e que lá perdeu a sua amada mulher, atesta uma reescrita interior altamente positiva de eventos insuportavelmente dolorosos. Provavelmente, ele *ameniza* mnemonicamente os factos e tenta retirar deles ilações positivas. Tenta encontrar um sentido para esse atroz sofrimento (Cf. Frankl, 2004).

Em adenda e correlação, acrescente-se que a memória é uma das peças fulcrais na criação literária. Não há Literatura sem representações ou Recriações Mnemónicas: “A forma como criamos culturalmente e aquilo que criamos bem como o modo como reagimos aos fenómenos culturais, dependem dos truques das nossas memórias imperfeitas, e da forma como os sentimentos as manipulam” (Damásio, 2017, p. 199). Deduza-se, portanto, que a manipulação da memória está sempre presente no ato criador literário. Não existem escritores amnésicos, pelo contrário, na sua grande maioria, demonstram ter uma memória de elefante, pois, ela é um dos principais materiais que os escritores manipulam e moldam. Em última instância, sem ela não há imagens nem palavras.

10 REESCRITAS E DIALOGISMO DA CONSCIÊNCIA CONSIGO MESMA¹⁶

Grosso modo, podemos definir a Consciência como um estado mental que permite ao seu dono experienciar em privado, e de modo singular, o mundo rodeante, externo e interno, e, simultaneamente, experienciar aspetos do seu Ser. Donde se depreende que, como vimos, ela não existe, nem é possível, sem Imagens, Narrativas Internas, Sentimentos e Memória.

Porém, os dois elementos estruturais que a caracterizam são: a Subjetividade e a Integração das Experiências. Estes dois componentes estão em constante interpermutação. Ou seja, só há, de facto, Consciência quando emerge um Sujeito, um Eu, alguém que se aposse das Imagens fornecidas pelo Sistema Nervoso:

Se eliminássemos a componente consciente dos nossos estados mentais, o leitor e eu continuaríamos a ter imagens a fluir-nos pela mente, embora essas imagens não nos estivessem associadas enquanto indivíduos singulares. As imagens não seriam minhas, nem suas, nem de mais ninguém. Fluiriam à deriva e ninguém poderia saber a quem pertenceriam. Sem consciência nada se pode saber. A consciência foi indispensável para a ascensão das culturas humanas e mudou o rumo da história humana. (Damásio, 2020, p. 164).

FLP 24(2)

Outro traço, a ocorrer em paralelo, é o de que existe, segundo o neurocientista, um Eu que observa o próprio Eu. Por vezes, temos a sensação que somos observados por nós próprios. Portanto, no Livro Interno da nossa Consciência, somos sempre um sujeito duplicado (isto, de certo modo, relaciona-se com a questão do Teatro Cartesiano)¹⁷.

A Experiência Integrada, a par da Subjetividade, fornece-nos discernimento e reflexões e permite situar as narrativas internas. Podemos, por isso, deduzir que não há Mente Cultural sem que haja, tal como na Consciência, Subjetividade e Integração de Experiências. Assim, a produção cultural humana e a Literatura é uma forma de

¹⁶ A Consciência é uma temática difícil, omnipresente em todos os livros de Damásio. De obra para obra, ele procede a atualizações e acrescenta dados e novas interpretações. O seu entendimento da noção de Eu, de *Self*, vai evoluindo a cada novo livro. Aliás, n' *A estranha ordem das coisas*, sucede isso mesmo, quando surge com um conceito novo no seu trabalho, contíguo ao de Consciência: a Mente Cultural. (Sobre a conceção e os mecanismos da Consciência consultar, em especial, as seguintes obras de António Damásio: *O sentimento de si: corpo, emoção e consciência*. Versão portuguesa a partir do original em Inglês revista e anotada pelo autor. 1.ª edição. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores; 2013 [1999]; *O livro da consciência: a construção do cérebro consciente*. Trad. de Luís Oliveira Santos/João Quina Edições. 1.ª edição. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores; 2010).

¹⁷ Descartes pressupunha que a alma estava no centro do cérebro e que comunicava com ele através da Glândula Pineal. Segundo o filósofo, é ela que permite unificar as múltiplas experiências e representações sentidas e percebidas, integrando-as e dando-lhes sentido. A isto se designa por Teatro Cartesiano. Vários autores, dos quais se destaca Daniel Dennett, não aceitam a ideia subjacente a este teatro: a de existir um centro unificador da mente. Dizem que, nesse caso, é como se houvesse um homúnculo dentro do cérebro, mas que, para que isso fizesse sentido, teria de haver também um homúnculo que observasse o primeiro, e assim por diante, numa espécie de Caixa de Bonecas Russas da Consciência. Daniel Dennett põe completamente de lado a ideia de Descartes e propõe a Teoria dos Rascunhos Múltiplos. Nesta, o que unifica a multiplicidade experiencial do sujeito é uma construção neuronal de múltiplos processamentos que ocorrem em paralelo no cérebro, o que, de algum modo, coincide com algumas das postulações damasianas (Cf. Dennett, 1992).

expansão de Consciência, que tem como pano de fundo a Homeostasia. Parece ser esse o fito de toda a arte: Florescimento e Transcensão.

Porém, o que me interessa, por ora, relevar é o facto de que a circunscrição conceptual de Damásio sobre a Consciência é de natureza narrativa, pois, esta consubstancia-se num espetáculo multimédia mental.

Os componentes primordiais da Mente são naturalmente as Imagens Multissensoriais, que defluem do Circunjacente Externo e do Introjacente, em concatenação com os Sentimentos que as acompanham. Além disso, nunca é demais lembrar que a memória trabalha recreativamente sobre elas. E há, claro, uma constante tradução desses Fotogramas Internos para a Linguagem Verbal, consignada numa *track* verbal, numa faixa discursiva. Temos, portanto, um Texto Interno Contínuo que acompanha as Imagens que nos chegam dos sujeitos e acontecimentos, internos e externos, e dos respetivos Sentimentos. Saliente-se também que, através desses textos internos, nós estamos em constante diálogo interno conosco próprios. Contamos e recontamos, por isso, histórias a nós mesmos, às quais vamos acrescentado e retirando elementos, e refletimos sobre elas, ininterruptamente. Algumas desaparecem, porque deixam, num momento particular da vida, de fazer sentido, mas novas estão constantemente a surgir.

Em suma, em conjunto, as Imagens, os Sentimentos, a Memória e o Texto Interno Contínuo criam, como diz Damásio, uma narração interna, na qual somos espectadores e criadores. Há também uma dramatização interna, onde somos amiúde *Doppelgangers* de nós mesmos. Em conjunto e interação, todos os elementos mencionados produzem a Consciência e o simultâneo Espetáculo Multimédia do Eu:

Para ter a experiência de assistir a um espetáculo de multimédia onde o Eu é o espectador, e onde, por vezes, até podemos assistir ao espetáculo de nos vermos a assistir ao espetáculo, não chega ter a subjetividade. Para que tal aconteça precisamos de outro componente: a integração de imagens e das respetivas subjetividades num quadro mais ou menos vasto. A consciência, no mais pleno sentido do termo, é um estado mental particular em que as imagens mentais estão imbuídas de subjetividade e são experienciadas num quadro integrado. (Damásio, 2017, p. 215)¹⁸.

11 OS LIVROS INTERNOS DA CONSCIÊNCIA

A geração de Sentimentos e a Subjetividade só são verdadeiramente situados com a respetiva Integração das Experiências.

No entanto, podemos questionar onde e de que modo se produz essa integração, da qual emerge o Eu, qual é, afinal, esse quadro mais vasto que Damásio refere no trecho supracitado? Na verdade, não existe nenhuma região em específico, no organismo e no córtex, onde tal processo ocorra, pois, ele é de natureza holística. São várias as regiões do corpo e do Sistema Nervoso que participam ativamente no processo consciencial e na respetiva integração experiencial. Entre elas, por exemplo, o já mencionado *Default Mode Network*, que é composto por redes neuronais de grande escala, que conectam córtice distantes, localizadas em hemisférios diferentes, mas não só.

¹⁸ Repare-se na referência ao Duplo contida neste extrato: “até podemos assistir ao espetáculo de nos vermos a assistir ao espetáculo”.

Essa e outras redes similares concorrem para a Integração Experiencial, na qual, por um lado, se ordenam as Imagens narrativamente, e por outro, essas mesmas Imagens são coordenadas entre si. “O processo relacionado com a integração de experiências exige a ordenação de imagens em forma de narrativa e a coordenação dessas imagens com o processo de subjetividade” (Damásio, 2017, p. 217). As experiências têm de ser situadas no todo da mente. São como factos narrativos que têm de encontrar o seu lugar no Livro Mental. Por isso mesmo, a Integração Experiencial consiste mais num conjunto de narrativas, interligados, do que propriamente numa única. Deste modo, a Emergência da Consciência não parece consistir num só livro, mas em vários, de natureza heterogênea, mas ligados e em correlação dialógica. Veja-se a súmula de Damásio referente ao processo integrativo:

Em resumo, várias partes do cérebro, numa interação próxima com o corpo, criam imagens, geram sentimentos para essas imagens, e estabelecem correferências com o mapa de perspectiva, obtendo assim os dois ingredientes da subjetividade. Outras partes do cérebro controlam o destaque sequencial de imagens que tem lugar nas suas fontes sensoriais, contribuindo assim para um amplo desfile de imagens que se desloca no tempo, mas não no espaço. As imagens não têm de ser deslocadas de um sítio para o outro no cérebro. Entram na subjetividade e na integração através de um destaque local e em sequência. Em cada unidade de tempo pode ser incluído um número maior ou menor de imagens e de narrativas, e isso determina o âmbito da integração em cada momento. (Damásio, 2017, p. 217).

Há duas conclusões a retirar do supra exposto. A primeira, como já vimos, será a de que todo o processo consciencial é de natureza eminentemente narrativa. A segunda alerta-nos para o facto de que o tal Livro Mental, que passa constantemente na nossa mente, ou seja, aquilo que verdadeiramente designamos por Eu, não tem uma localização específica; ocorre em várias regiões simultâneas. O nosso pensamento individual, que sentimos como uno, não existe verdadeiramente em nenhum local do nosso organismo, mas em vários simultaneamente. A sua natureza é holística. Damásio sublinha que “A experiência integrada [...] não se encontra numa única estrutura cerebral, mas sim em séries cronológicas de fotogramas mais ou menos numerosos, ativados à vez, algo que se assemelha aos fotogramas que compõem um filme” (Damásio, 2017, p. 217).

12 A CONSCIÊNCIA ENQUANTO LITERATURA

Gostaria, agora, de fazer uma brevíssima súmula dos pontos anteriores e tecer, no ponto seguinte, algumas considerações, que considero pertinentes.

Em resumo, a nossa Consciência é formada, camada por camada, pela(s) Narrativa(s) de Vida de cada um. A história dos acontecimentos e objetos no filme da nossa vida são importantíssimos, mas o modo como os contamos a nós próprios ainda é mais, pois as Imagens, onde eles estão impressos, são filtradas pelos nossos Sentimentos. Depois, a Subjetividade e a Integração das Experiências permitem-nos tomar posse, de modo individualizado, dessas imagens e desses discursos internos. Somos, sem dúvida, os narradores, os escritores dos nossos Livros Mentais.

Assim, no texto interno da nossa vida, a cada ocorrência é dado um tratamento de teor literário. Podemos aumentar a importância de determinados aspetos, podemos acrescentar ou retirar pormenores, podemos colorir os acontecimentos ou obscurecê-

los, ou mesmo esquecê-los, como quem rasga uma página que não lhe interessa. Interessa-nos, por isso, servir o melhor possível o leitor, que, na verdade, somos nós próprios. Registamos e recebemos os diversos factos narrativos, e, depois, ajustámo-los *literariamente* o melhor possível a nós. Portanto, os acontecimentos e objetos da nossa vida são importantes, mas, tal como num livro, a forma como os relatamos a nós mesmos é absolutamente determinante.

Para essa tarefa literária interna, contamos com uma espécie de pessoalíssimo Museu Imagético Interno ao qual podemos aceder sempre que quisermos, através da rememoração; um Arquivo Literário-Subjetivo do Eu, uma imensa Biblioteca Interna. Assim, usamos literariamente Imagens do passado para compreendermos um determinado objeto ou acontecimento presente ou mesmo futuro. Atente-se no seguinte. O que sucede na nossa vida é uma coisa, o modo com a registamos narrativamente na nossa Consciência é outra completamente diferente, pois nós recriamos ficcionalmente os eventos que a compõem.

Em suma, em conjunto, as Imagens, os Sentimentos, a Memória e a Faixa Verbal, perspectivadas pela Subjetividade e pela Integração Experiencial, criam uma espécie de grande Livro Consciencial, composto por vários tomos e volumes, sempre em diálogo intertextual uns com os outros.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PONTES POSSÍVEIS ENTRE OS ESTUDOS LITERÁRIOS E A NEUROFILOSOFIA

FLP 24(2)

Ora, as postulações e conclusões, anteriormente expostas, são importantes para o campo dos Estudos Literários por uma série de razões. Entre elas, por exemplo, a inegável centralidade do autor, do escritor.

Ao invés do que pretendem certas correntes formalistas e estruturalistas, o conhecimento do autor é fundamental para se compreender uma obra literária, pois, ela é sempre a projeção da Consciência do seu autor. A ficção cria-se a partir de tudo para o qual tenho vindo a chamar a atenção. Um escritor de ficção científica, ao descrever um planeta imaginário usa os materiais presentes nos arquivos da sua memória e manipula-os, recria-os, *remixa-os*. É inviável analisar uma obra literária como se ela fosse um objeto à parte do seu autor: ambos estão intrinsecamente ligados. Aliás, já em 2002 e longe de possuir os dados que hoje temos ao nosso dispor, David Lodge alertava para a relação umbilical entre Literatura e Consciência:

A literatura é um registo da consciência humana, o registo mais rico e abrangente que possuímos. A poesia lírica é provavelmente o esforço mais bem-sucedido do homem para descrever os Qualia. O romance é provavelmente o esforço mais bem-sucedido do homem para descrever a experiência de seres humanos individuais a moverem-se através do espaço e do tempo. (Lodge, 2009, p. 21)¹⁹.

¹⁹ Os *Qualia* dizem respeito ao modo único e individual como cada um de nós experiencia a realidade. São de natureza eminentemente subjetiva e partiu de David Chalmers a sua teorização. Nem todos os autores os aceitam – sobretudo, os materialistas e os darwinistas –, pois a existência dos *Qualia* pressupõe que a Consciência seja de natureza ilocalizável, não palpável. Muitos autores, como Dennett, discordam dessa visão (Cf. Chalmers, 1996).

Como se viu, uma obra criativa, uma obra ficcional ou poética é feita com base nas impressões e memórias do seu autor, pois, como assinala Damásio, qualquer obra manipula e lida com representações da memória. Por isso, é impossível analisar uma obra literária sem ter em consideração dois aspetos nodais. O primeiro é a própria biografia do autor: os seus livros refletem-na necessariamente, quer queiramos quer não. Acontecimentos e objetos da sua vida surgem na sua obra transfigurados. A este processo eu chamo Intertextualidade, pois, a obra do autor dialoga inevitavelmente com o seu Livro Mental e com as ocorrências da sua vida. O segundo é a enciclopédia interna do autor, respeitante aos livros que leu e outros artefactos artístico-literários com os quais contactou. Ou seja, ninguém cria literariamente a partir do nada, mas, sim, a partir do que leu, do que o influenciou. Portanto, para compreender os mundos criados por um escritor é necessário conhecer a sua biblioteca e aquilo que é relevante para ele. Nesse sentido, temos de atualizar e reavaliar o conceito de intertextualidade, não esquecendo que ela é uma realidade inegável. Todos os textos literários são, sem dúvida, Intertextuais, mas também Intervitais, pois, relacionam-se com os Livros Internos, constitutivos da Consciência, os quais designo, agora, por Interlivros. Por outras palavras, os livros escritos de um autor partem e estabelecem os mais variados liços com os seus Interlivros.

Portanto, a partir da sua Subjetividade, o escritor re-escreve o que leu e o que vivenciou. Toda a criação literária é, por isso, um processo de remix. Não podemos também esquecer que quem escreve o faz por uma motivação homeostática e esse é um fator importante, que está na base de todos os outros. Por outras palavras, muito mais do que o sucesso ou mesmo a superação individual de um qualquer objetivo estético-artístico, cada autor busca, ao escrever, antes de mais, o seu equilíbrio, a sua autorregulação vital, a sua Homeostasia Sociocultural.

Termino afirmando que todos estes dados me parecem muito fecundos e com vastas possibilidades exploratórias, a requerer trabalhos posteriores. Uma coisa me parece inegável. Será difícil analisar a Literatura sem os ter em consideração. Claro que há muito a fazer. A correlação entre a Consciência e a própria Literatura é uma das prometedoras vias de estudo futuro.

REFERÊNCIAS

- Ackerman J. The genius of birds. New York, London: Penguin Books; 2017.
- Chalmers DJ. The conscious mind: in search of a fundamental theory. Oxford: Oxford University Press; 1996.
- Damásio A. O livro da consciência: a construção do cérebro consciente. Santos LO, tradutor. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores; 2010.
- Damásio A. O sentimento de si: corpo, emoção e consciência. Versão portuguesa a partir do original em inglês revista e anotada pelo autor. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores; 2013[1999].
- Damásio A. A estranha ordem das coisas: a vida, os sentimentos e as culturas humanas. Santos LO, tradutor. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores; 2017.
- Damásio A. Entrevista a António Damásio para as Fronteiras do Pensamento. In: Fronteiras do Pensamento; 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SIj3hOMaIIM>.
- Damásio A. Sentir & saber. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores; 2020.
- Damásio A, Kaplan J, Man K. Decoding the neural representation of story meanings across languages. Human Brain Mapping. 2017sep.;1-11.
- Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/hbm.23814>.

Dennett D. *Consciousness explained*. New York, Boston, London: Back Bay Books/Little Brown and Company; 1992.

Easterlin N. The functions of literature and the evolution of extended mind. *New Literary History*. 2013fall;44(4):661-82.

Fisher WR. *Human communication as narration: toward a philosophy of reason, value and action*. Columbia: University of South Caroline Press; 1987.

Frankl VE. *Man's search for meaning: the classic tribute to hope from the holocaust*. London: Ebury Publishing/Penguin Books; 2004.

Godfrey-Smith P. *Outras mentes: o polvo, o mar e a origem profunda da consciência*. Rosado PG, tradutor. 2.^a ed. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores; 2017.

Herman D. *Narrative theory and the cognitive sciences*. California: Center for the Study of the Language and Information, Stanford University; 2003.

Herman D. *Storytelling and the sciences of the mind*. Cambridge: Mit Press/Massachusetts Institute of Technology; 2013.

Hogan PC. *Cognitive science, literature and the arts: a guide for humanists*. New York and London: Routledge; 2003.

Hogan PC. *The mind and its stories: narrative universals and human emotion*. Cambridge: Cambridge University Press; 2003a.

Lodge D. *A consciência do romance*. Chaves AM, tradutora. Lisboa: Asa; 2009[2002].

Sheldrake R. *Dogs that know when their owners are coming home: and other unexplained powers of animals*. New York: Three Rivers Press/Random House; 2011.

Torday JS. Homeostasis as the mechanism of evolution. In: *Evolution: the logic of biology*; 2017. p.189-200. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/318420774_Homeostasis_as_the_Mechanism_of_Evolution

FLP 24(2)